

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**A CONSTITUIÇÃO DOS ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM NOS ANOS 50 A PARTIR
DA ARTICULAÇÃO ENTRE A LÍNGUA E A HISTÓRIA**

Caroline Mallmann Schneiders
carollettras2005@yahoo.com.br

Mestranda
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Laboratório Corpus

Procuramos, no presente estudo, levantar algumas considerações que nos ajudarão a compreender e a refletir sobre a questão que propomos em nosso projeto de dissertação. Esta é referente à produção do conhecimento, especialmente, aos movimentos e aos diferentes efeitos de sentidos nos estudos sobre a linguagem do/no Brasil, nos anos 50, a partir das formulações de Serafim da Silva Neto.

Assim sendo, a perspectiva de estudo em que nos inscrevemos é a História das Ideias Linguísticas vinculada aos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de orientação francesa, tal como vem sendo desenvolvida atualmente no Brasil. O nosso interesse, neste estudo, situa-se em compreender a historicidade constitutiva nos estudos sobre a linguagem dos anos 50, através do aporte teórico, das fontes utilizadas referente à Linguística, tomando como eixo condutor o horizonte de retrospectiva definido por Aurox (*A revolução tecnológica da gramatização*, 1992). Nesse sentido, analisaremos como em um discurso documental, pensado enquanto pertencente a um arquivo, o qual veicula uma memória institucionalizada, circula uma memória discursiva, que, por sua vez, liga-se a uma rede de discursos já-ditos que afetam a produção/constituição do discurso.

Em vista disso, delimitamos como objeto de estudo, nesse trabalho, a obra *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, 1956, 1ª edição, de Serafim da Silva Neto, a qual é caracterizada por Penha (*Filólogos brasileiros*, 2002) como um manual destinado a alunos dos cursos superiores de Letras; ou seja, trata-se de uma obra que circulou no âmbito acadêmico no final dos anos 50, período em que a Filologia predominava, e a Linguística situava-se às margens. Tomamos esse recorte temporal, os anos 50, pois antecede à institucionalização da Linguística enquanto disciplina nos cursos de Letras, e enquanto

saber reconhecido no contexto brasileiro, além de ser expressivo em estudos relacionados à língua portuguesa.

Para o desenvolvimento desse estudo, consideramos que toda produção do conhecimento é determinada historicamente, possuindo, portanto, um horizonte de retrospectiva, por meio do qual poderemos organizar os diferentes saberes que estão inerentes à materialidade discursiva. A partir desse horizonte, teremos, por conseguinte, a questão da memória, podendo afetar de algum modo a constituição/produção do conhecimento em determinadas condições de produção. Nesse sentido, faz-se necessário, em nosso estudo, atentar à conjuntura sócio-histórica e ideológica do período delimitado, uma vez que o sujeito do conhecimento é determinado pelas condições de produção como nos assinala Guimarães (*História da Semântica: Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil*, 2004, p.16). Nosso estudo ancora-se, portanto, através da inscrição da história na língua, mais especificamente, na historicidade que a obra em estudo apresenta, uma vez que essa exterioridade constitutiva remeterá, conseqüentemente, aos possíveis sentidos pertencentes ao processo dessa produção do conhecimento.

É importante destacar que a escolha por esse autor e obra, foi decorrente do nosso interesse em compreender a circulação dos saberes sobre a Linguística em espaços outros e em autores que se situam numa posição ‘periférica’, por assim dizer, diante dos estudos sobre a Linguística que se faziam no Brasil; mas igualmente importantes para os estudos sobre a linguagem, especialmente, nos anos 50. Assim sendo, estamos considerando Serafim da Silva Neto um sujeito significativo para os estudos sobre a linguagem do/no Brasil, possuindo uma posição teórico-analítica peculiar em seus estudos, visto que se instala no entremeio dos estudos filológicos e linguísticos, cuja posição pode ser observada na obra em estudo.

Para compreendermos a historicidade que constitui o nosso objeto de estudo, utilizaremos, como ‘modo de entrada’, as fontes utilizadas no interior dessa materialidade discursiva, ou seja, o aporte teórico citado. No entanto, as fontes que nos interessa são apenas as dos estudiosos que são, hoje, considerados como referências importantes, e até mesmo ‘consagradas’ do contexto europeu e brasileiro. Para esse estudo, selecionamos três referências: Ferdinand de Saussure, Georges Millardet e Joaquim Mattoso Câmara Júnior.

Tomamos essas referências, uma vez que o nosso interesse está, especialmente, na historicidade a partir da circulação da memória discursiva em torno dos saberes sobre a Linguística, antes de sua institucionalização no Brasil, ou seja, num espaço/tempo que não é próprio para essa circulação. Logo, estamos considerando, sobretudo, a memória do saber em que o sujeito do conhecimento se apóia para constituir essa materialidade, nessa determinada conjuntura sócio-histórica.

Nesse sentido, consideramos o objeto de estudo que delimitamos, como pertencente a um arquivo, pois como destaca Pêcheux em *Ler o arquivo hoje* (1994), trata-se, em um sentido amplo, de um documento, dentre outros, que estão disponíveis sobre uma determinada questão, em nosso caso, referente

aos estudos sobre a linguagem do/no Brasil nos anos 50. A respeito disso, Orlandi (*Língua e conhecimento linguístico*, 2002) assinala que “o arquivo em análise de discurso é o discurso documental, memória institucionalizada” (p.11). Logo, enquanto arquivo, ou seja, enquanto discurso documental, o nosso objeto de estudo veicula uma memória institucionalizada, que se liga a uma história, sendo sustentada por certas condições necessárias à estabilidade do arquivo, pois este, segundo Nunes (*O discurso documental na História das Idéias Linguísticas e o caso dos dicionários*, rev. Alfa, 2008, p.90), “corresponde a representações imaginárias da memória”.

Nunes (Ibid.) aponta que “uma obra passa a ser um ‘documento’ na medida em que ela é historicizada, ou seja, na medida em que ela se torna um objeto de um saber documental. O texto nomeia, data, seleciona objetos e traça percursos” (p.83). Para esse autor (Ibid., p.87), “o trabalho documental está diretamente relacionado aos modos de circulação do conhecimento, na medida em que lida com as condições de realização e de divulgação das ciências”. Nesse sentido, analisar “a história dos documentos, os percursos que eles realizam, leva a compreender melhor a produção do conhecimento”.

O que faz o diferencial, ao se estudar o discurso documental, está no olhar que se lança sobre ele, sendo este olhar que constituirá o gesto de leitura sobre determinada materialidade discursiva. A partir disso, podemos compreender uma história que não está dada, estabelecida, mas o processo de sua constituição. O nosso olhar volta-se, nesse estudo, no modo como esse discurso documental que selecionamos faz funcionar uma memória discursiva sobre os saberes em torno da Linguística, sendo, pois, um modo de trabalhar a história, mais precisamente, a história das ideias linguísticas dos anos 50.

É importante ressaltar que a história, como a entendemos, não se trata da evolução, ou da ordem cronológica de fatos descritos, mas do sentido que, a partir dela, podemos apreender de uma determinada materialidade discursiva. Conforme nos assinala Ferreira (*O caráter singular da língua na Análise do Discurso*, rev. Organon, vol. 17, n. 35, 2003, p.191), “a história necessita do discurso para existir, assim como a língua necessita dela para significar”. Destaca ainda que, na perspectiva discursiva, a noção de historicidade deriva da noção de história, sendo resultante da inscrição da história na língua.

Para Guimarães (*História da Semântica: Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil*, 2004, p.16), “o sujeito do conhecimento não está fora da história” e as suas produções, conseqüentemente, são de “sujeitos constituídos ideologicamente em condições históricas específicas”. Com isso, consideramos que a “produção do conhecimento é uma prática histórica, materialmente determinada”. Isso significa, portanto, que não podemos tomar unicamente e isoladamente o nosso recorte temporal para explicitar a historicidade que constitui a produção do conhecimento, mas devemos relacionar essa produção, especialmente, aos saberes que precedem o período em questão.

Conforme Auroux (*A revolução tecnológica da gramatização*, 1992, p.11), “todo conhecimento é uma realidade histórica”, constituído por um horizonte de retrospectão que, nas suas palavras (2008,

p.141), refere-se ao “conjunto destes conhecimentos antecedentes” que podem afetar de algum modo a constituição/produção do conhecimento atual, estando em conformidade com as condições sócio-histórica e ideológica. Logo, este horizonte torna-se fundamental para compreendermos a historicidade que constitui nosso objeto de estudo, bem como a memória sobre esses saberes.

Essa memória discursiva é constitutiva de todo discurso, pois para que este produza sentido é necessário que ele já faça sentido, em outras palavras, que se apóie em algo já posto, sustente-se num já-lá (ORLANDI, *Análise do discurso: Princípios e procedimentos*, 2001). A partir dessa sustentação ao outro, dessa memória que é constitutiva, podemos compreender qual a determinação histórica que está inerente ao discurso, indicando que todo discurso provém da ligação de uma rede de outros dizeres já-ditos, os quais “afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (Ibid., p.31). Toda materialidade discursiva é, nesse sentido, heterogênea e relacionada diretamente à exterioridade para significar.

A partir dessas questões, acreditamos ser possível um entendimento sobre a ‘rede’ de teóricos, que se vincula à Linguística, utilizada no processo da produção do conhecimento. Essa ‘rede’, pensada aqui como o conjunto dos linguistas referidos na constituição da materialidade em estudo, resulta das posições e apropriações que o sujeito do conhecimento toma frente à conjuntura sócio-histórica e ideológica em que se insere, conforme aponta Pêcheux, em seu livro *Semântica e Discurso* (edição de 1997).

Delesalle & Chevalier (*A Linguística, a gramática e a escola 1750-1914*, 1986) também apontam nessa direção, considerando que “o estatuto de um pesquisador, os métodos que adota, os campos que escolhe são amplamente prefixados pelas suas condições sociais e econômicas, condições organizadas num sistema ideológico” (p.3). Desse modo, ao observarmos as fontes utilizadas, acreditamos ser possível compreender a memória que se veicula, a partir da circulação dos saberes sobre a Linguística, nessa conjuntura que antecedente a sua institucionalização enquanto disciplina; bem como a historicidade constitutiva, a qual, por sua vez, aponta para o percurso que o sujeito do conhecimento faz no processo da constituição da materialidade discursiva em questão.

Nunes (*Uma articulação da Análise de Discurso com a História das Idéias Linguísticas*-Texto apresentado no VIII Seminário Corpus – História das Idéias Linguísticas. Santa Maria: UFSM/ Laboratório Corpus. Set. 2007, p. 8), a respeito da circulação, destaca que, através dela, pode-se chegar a um percurso que “leva a diferentes espaços e tempos, e que ao enxergarmos os materiais históricos com as lentes de estudos que também se deram na história, estamos envolvidos nessa grande trama de sentidos em que se apresentam diferentes imaginários do objeto de saber.” Assim, a produção do conhecimento pode remeter a diferentes épocas, transportando/recortando noções, conceitos, por exemplo, fazendo-os funcionar no presente, tornando-se fundamental atentar aos possíveis sentidos a que esses movimentos/deslocamentos estão relacionados.

Nesse sentido, as fontes citadas em nosso objeto de estudo nos permitirão fazer conexões, ajudando a compreender um pouco a temporalidade presente, e, principalmente, o momento atual dos estudos sobre a linguagem, que se trata do final dos anos 50. A fim de compreendermos essa historicidade constitutiva, bem como a forma de circulação dos saberes a que ela remete, fizemos os seguintes recortes, denominados de sequências discursivas (SDs), do interior da obra delimitada, cujo critério são as fontes utilizadas/citadas referentes a linguistas, como já destacamos. Para esse estudo, selecionamos as três referências¹ abaixo:

SD1: “(...) a da Linguística Geral [em nota de rodapé, referindo-se à Linguística, tem-se: ‘São de imprescindível leitura os livros de **J. MATTOSO CÂMARA JR.** *Princípios de Linguística Geral*, ed., 1954 (...)” (p. 16)

SD2: “O certo é que, como pondera **Saussure** [nota de rodapé para destacar o *Curso de Linguística Geral*]” (p. 18)

SD3: em nota de rodapé: “Essa diferença entre sincronia e diacronia foi estabelecida pelo linguista genebrino **FERDINAND DE SAUSSURE** (...)” (p.63)

SD5: “Veamos o que diz **Millardet** (...)” (p. 85)

SD6: “ A respeito do português do Brasil existe a classificação fonemática da linguagem coloquial tensa do Rio de Janeiro devida ao Prof. **J. Mattoso Câmara Jr.** (...)” (p. 95)

Considerando esses recortes, percebemos, especialmente, que a ‘presença’ de Saussure com o *Curso de Linguística Geral* (SD2, SD3), nos estudos sobre a linguagem, é anterior à tradução brasileira, a qual se deu no ano de 1960, fazendo circular, portanto, seu postulado de modo diferente. A partir dos recortes, verificamos que Saussure é citado, especialmente, pelo *Curso*, com noções fundamentais que ele sistematizou, como a sincronia e diacronia. No entanto, as noções retomadas estão sob outro viés, subordinam-se à perspectiva filológica, a qual predominava até então, sobretudo, nos cursos superiores. Nesse sentido, o sujeito do conhecimento, busca, a partir de algo que já está instituído, num já-dito, que é o postulado saussuriano com a obra considerada a base da ciência Linguística, o *Curso de Linguística Geral*, uma sustentação ao que está propondo. Desse modo, antes da institucionalização da Linguística, no contexto acadêmico brasileiro, já se buscava introduzir esse novo olhar sobre os estudos, apontando para a sua importância.

Nas faculdades da época, essa preocupação em determinar um espaço para a Linguística junto aos cursos superiores também ocorria. Fazendo referência à faculdade do Rio de Janeiro, foi aí que se teve, pela primeira vez, nos cursos de Letras, um curso extensivo de Linguística, ministradas por Mattoso Câmara, em 1938 e 1939 (ALTMAN, *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*, 2004). Essa

¹ Grifos nossos.

universidade também contou com a presença do professor visitante Georges Millardet, cujos cursos de Filologia Latina e Neolatina, em 1937, Mattoso frequentou.

Millardet, como era um professor que veio da França, permanecendo no Brasil entre os 30 e 50, tinha conhecimento das discussões em torno da Linguística no contexto europeu, que tinha como base o postulado saussuriano. Assim, estamos entendendo que há uma relação entre Millardet e Mattoso no que tange ao modo de entender os estudos sobre a linguagem, a partir de uma perspectiva Linguística. Embora, desde final dos anos 30, já se tinha interesse pela Linguística, devido a questões políticas, essa perspectiva foi ‘silenciada’ por vários anos, sendo somente nos anos 50 que o cenário dos estudos sobre a linguagem começa a se modificar, apresentando discussões sobre a importância da Linguística nos cursos superiores (Ibid, p.106). Dentre os estudiosos que defendiam a importância da Linguística, estava Serafim da Silva Neto.

Atentando às referências citadas destacadas por nós, podemos dizer que essa ‘rede’ é composta por uma base comum: o postulado saussuriano. Serafim da Silva Neto, enquanto sujeito do conhecimento, ancora-se nesses estudiosos: Saussure, Millardet, Mattoso; pois se tem uma relação teórica entre eles, todos entendem os estudos da linguagem a partir da perspectiva linguística. É possível perceber diferentes épocas constituindo a temporalidade, e, principalmente, a historicidade de nosso objeto de estudo, bem como distintos contextos, europeu e brasileiro. Um ponto interessante, pensando na época da edição da obra em estudo, é que o sujeito do conhecimento procura dar visibilidade a estudiosos do momento presente, como Millardet e, em especial, a Mattoso, que faz parte do contexto brasileiro. Isto é, busca também um apoio em ‘pensamentos locais’, procurando dar visibilidade às questões atuais que se faziam no contexto brasileiro.

Nesse sentido, é considerando a importância do viés linguístico, que Serafim procura dar novos contornos aos estudos que propunha, como é caso da sua obra *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, a qual tem como propósito circular no âmbito acadêmico. Procura, portanto, trazer as ideias de linguistas num espaço-tempo que, por regra, seria predominantemente de ideias filológicas, sendo um modo de fazer circular os saberes da Linguística para, com isso, sinalizar a sua importância, bem como a necessidade de um espaço, não se subordinando a outras perspectivas.

Há, portanto, um jogo de relações, ou poderíamos ainda dizer um ‘jogo de forças’ inerente à constituição da produção do conhecimento, sendo as fontes uma das possibilidades de se compreender essas questões constitutivas a toda materialidade discursiva e histórica. Nesse sentido, o que levantamos, nesse estudo, foi apenas algumas das considerações possíveis em torno dos estudos sobre as fontes, a partir das quais podemos ainda levantar uma série de outras questões; no entanto, para esse estudo, nos interessou destacar esses pontos, pois entendemos serem relevantes para o início de uma reflexão maior sobre a relação língua/sujeito/história na produção do conhecimento.